

# 1

## Introdução

*O homem só tem duas missões importantes: amar e escrever à máquina. Escrever com dois dedos e amar com a vida inteira.*  
(Antônio Maria).

O aparecimento do alfabeto, por volta do século VII a. C, em certa medida, coincide com a “invenção” do Ocidente. A possibilidade de fixar graficamente uma língua falada, em si, já teria sido um feito tecnológico que se deu no curso do domínio da agricultura, da domesticação dos animais, do uso da metalurgia e do surgimento dos primeiros assentamentos. Um sistema de escrita capaz de, com poucos caracteres, produzir todos os sons da fala fazia supor, no entanto, que a escrita poderia rolar por toda parte, uma vez que ler e escrever deixavam de ser, paulatinamente, atividades exclusivas de especialistas, de escribas. Por um lado, se tal suposição gerou muitas desconfianças, por outro, deu vida a um processo que, de forma lenta e tortuosa, culminaria em outra suposição: o escrito suplantaria o falado e o logos ao mito.

Tais suposições ou certezas, destarte idas e vindas num sentido ou noutro, seriam reforçadas na medida em que outras inovações foram assimiladas pelo processo de produção, circulação e recepção dos discursos. Disseminado no século IV da Era Cristã, o *códex*, em seus aspectos físicos e de organização do texto, teria sido o percussor do livro moderno, modificando as formas de ler, escrever e armazenar conteúdos. Já amplamente utilizado na China, desde, pelo menos, o século II, a chegada, na região mediterrânea do papel, por volta do século XIII, seria decisiva para o aparecimento, na metade do século XV da prensa de tipos móveis.

Por outro lado, no mesmo momento que o invento de Gutenberg se espalhava por toda a Europa, o Ocidente acelera sua expansão, iniciada desde os templários e suas incursões sobre as regiões ocupadas pelos “bárbaros hereges” seguidores de Maomé. Num primeiro momento, a África negra e as Índias, depois a conquista do novo continente americano. Além disso, naqueles homens que se

lançavam ao mar em busca de ouro, especiarias, terras e escravos já haveria o sentido de acumulação de capitais e a certeza de que sua supremacia cultural deveria ser imposta aos povos considerados bárbaros ou selvagens.

Em suas descrições da viagem que empreendera à América portuguesa, Jean de Léry descreve o diálogo que travou com um nativo. Face ao espanto com o fato de os europeus empreenderem uma arriscada travessia com intuito de buscar tantas toras de pau-brasil, o calvinista francês teria respondido a um dos tupinambás: “no nosso país existem negociantes que possuem mais panos, facas, tesouras, espelhos e outras mercadorias do que podeis imaginar e um só deles compra todo o pau-brasil com que muitos navios voltam carregados”. Não satisfeito com a resposta, o velho teria se mostrado perplexo: “esse homem tão rico de que me falas não morre?” A dúvida advinha da incompreensão da necessidade de tantas árvores e Léry explica: “morre como os outros (...) e, quando morrem, deixam para seus filhos se os têm, (...) na falta destes para os irmãos ou parentes mais próximos”. Para aqueles homens que não dominavam a escrita e tão pouco as regras de troca de uma cultura dita civilizada, tudo aquilo parecia um descabro:

(...) agora vejo que vós outros *maírs* sois grandes loucos, pois atravessais o mar e sofreis grandes incômodos, como dizeis quando aqui chegais, e trabalhais tanto para amontoar riquezas para vossos filhos ou para aqueles que vos sobrevivem! Não será a terra que vos nutriu suficiente para alimentá-los também? Temos pais, mães e filhos a quem amamos; mas estamos certos de que depois da nossa morte a terra que nos nutriu também os nutrirá, por isso descansamos sem maiores cuidados.<sup>1</sup>

Léry foi um observador atento dos costumes Tupinambás. Naquele território, então, sob o domínio de Villegagnon, suas observações poderiam ser de grande valia para a aliança que pretendiam estabelecer contra os portugueses. Ele conta que, tentando aprender a língua dos nativos, escrevia sentenças e depois as lia diante deles. Tal fato teria provocado outro imenso espanto: “Não é maravilhoso que quem ontem não sabia uma palavra de nosso idioma possa hoje

---

<sup>1</sup>LÉRY, Jean de. Viagem à terra do Brasil. Tradução e notas de Sérgio Milliet. Belo Horizonte / Itatiaia & São Paulo / EdUSP, 1980, p.169 e 170..

ser entendido com um pedaço de papel?”<sup>2</sup> Os relatos de Léry mencionam, ainda, o mesmo espanto que a escrita teria provocado entre os nativos da América espanhola que, ao perceberem os espanhóis se comunicando através de cartas, acreditavam que possuísem algum dom divino. Dessas observações, o próprio Léry encontra argumentos que reforçam sua crença de que a escrita seria uma concessão de Deus aos europeus:

Eis portanto aí um tema de dissertação suscetível de mostrar que os habitantes da Europa, da Ásia e da África devem louvar a Deus pela sua superioridade sobre os dessa quarta parte do mundo. Ao passo que os selvagens nada podem comunicar-se entre si a não ser pela palavra, nós, ao contrário, podemos nos entender e dizer os nossos segredos, por meio da escrita, pelas cartas que enviamos de um a outro extremo da terra. Além da invenção da escrita, os conhecimentos de ciência que aprendemos pelos livros e que eles ignoram, devem ser tidos como dons singulares que Deus nos concedeu<sup>3</sup>.

O quadro pintado pelo missionário calvinista serve para que, hoje, se possa ter uma idéia do impacto causado pela chegada dos conquistadores do século XVI em terras até então desconhecidas. Neste sentido, os estudos que pretendo empreender têm como objetivo compreender alguns dos momentos em que, no Brasil, se pretendeu consolidar essa cultura que tinha na acumulação de capitais e na escrita alfabética os seus valores mais arraigados. Certamente, nem sempre prevaleceu o diálogo que o missionário calvinista, apesar de espantos e de incompreensões mútuas, se propôs a estabelecer. Nossa história está repleta de nobres justificativas para as intolerâncias, violências, mortes e devastações cometidas.

Neste trajeto, não se deve esperar nenhuma conclusão definitiva, talvez, apenas consiga dar azo a certas conjecturas. Mesmo a questão do livro, da leitura e dos leitores – objeto central de minhas indagações – é difícil de ser esgotada. Sobre elas, nos últimos anos têm se debruçado especialistas das mais diversas áreas, sem contudo, esgotar o tema. Não seria eu que pretenderia fazê-lo.

Sem desmerecimento a tantos outros, destacaria as pesquisas empreendidas por Nelson Werneck Sodré e Laurence Halleweell e que resultaram em duas importantes publicações, respectivamente: *História da Imprensa no*

---

<sup>2</sup>Idem, p. 206.

<sup>3</sup>Idem.

*Brasil*, mais dedicado aos periódicos e *O Livro no Brasil*. Ambos, publicados na década de 1970, em grande parte, impulsionaram outros tantos estudos de não menor fôlego e relevância. Desta forma, pretendo me valer deste acervo que, certamente, de forma acentuada, facilitará em muito minhas peregrinações em busca de informações, conhecimentos e saberes. Alguns destes muitos trabalhos estarão – conforme indica a boa norma – citados ao pé da página, outros, uma vez lidos ou relidos, figurarão apenas na bibliografia final.

Além das obras que se debruçaram mais especificamente sobre o Brasil, *O aparecimento do livro*, de Lucien Febvre e Henry-Jean Martin (1958), deu origem a um conjunto de outros estudos sobre o livro e, por conseguinte da sua leitura e de seus leitores. Neste universo, a produção de Roger Chartier e, também, de Robert Darnton servirão para que eu possa melhor situar certos conceitos.

Esta dissertação se apresentará dividida em três capítulos que, por sua vez, conterão seções que tratarão de assuntos específicos e que, no entanto, se relacionam. O primeiro capítulo é inteiramente dedicado à Europa. Nele, pretendo refletir sobre as condições de circulação da escrita impressa e da leitura. Nesta oportunidade, pretendo, ainda, observar as práticas de leitura que se tornaram comuns com o aparecimento do “Leitor Moderno”, termo que tomei de empréstimo a Chartier.

Apesar desta peregrinação pelo território europeu, minhas preocupações, no momento, estão concentradas nas questões que envolvem o leitor brasileiro, um leitor situado à margem dos centros produtores de discursos e mercadorias. Assim sendo, os dois outros capítulos serão inteiramente dedicados às questões que, num território situado na periferia do capitalismo, puderam ser enfrentadas por leitores, mediadores e autores de textos escritos, principalmente de livros.

Consciente de que as bibliografias, tal como as bibliotecas e a memória, são construídas também com ausências e lacunas, ao refletir sobre o Brasil, não poderia deixar de considerar os estudos de Tania Bessone, Regina Zilberman, Marisa Lajolo, Marcia Abreu, Anibal Bragança, Jorge de Souza Araujo, dentre outros. Além destes especialistas, será importante para a tarefa que me proponho, a teoria literária, principalmente aquela que, a partir da década de 1960 e seguindo as pegadas distintas de Wolfgang Iser, Umberto Eco e Roland Barthes, se voltou para as reflexões em torno do leitor. Considerando que, além de se situarem implicitamente nas páginas, os leitores se situam e lêem dentro de um contexto

histórico, recorrerei também às análises de Hélio Seixas Guimarães sobre os leitores de Machado de Assis.

Em minhas reflexões, ilações e outras anotações junto ao texto, estarão presentes, ainda, outros autores que têm me acompanhado, em estado de vigília ou inquietação. Com Walter Benjamin, tenho procurado compreender um sentido de história que, mais do que tentar reconstruir um tempo impossível de ser recuperado, se propõe a compreender um presente sob constante ameaça. Com Antonio Gramsci tenho me interessado, sobretudo, pela questão dos intelectuais e a formação das sociedades modernas. Com Foucault tenho pensado acerca da ordenação dos discursos e com Jacques Rancière tenho me preocupado com os instrumentos sociais de partilha dos bens culturais. Finalmente, com Pierre Bourdieu, tenho pretendido refletir sobre as condições materiais de circulação e acumulação de capital simbólico.

De tudo que vi, li e vivi ficou um pouco, portanto, de uma forma ou outra, meu olhar para o mundo está repleto dessas impressões, talvez sem a precisão que convém, talvez numa escrita trôpega, mais afeita aos que perseguem labirintos.

Ao lado de uma bibliografia “grave” e compromissada com certos rigores, não descartarei uma outra que se diz ficcional. Mais do que homenagem ou confissão de preferências, Machado de Assis, Lima Barreto e Graciliano Ramos lançam outras luzes sobre o ambiente cultural por onde pretendo caminhar.

Assim, no segundo capítulo, a pena melancólica do “bruxo alusivo e zombeteiro” servirá de guia para minhas reflexões. Algumas de suas crônicas publicadas em periódicos do século XIX e o seu inesquecível *Memórias póstumas de Brás Cubas* me orientarão na tentativa de melhor compreender as profundas transformações ocorridas no Brasil, depois da instalação dos primeiros prelos. Além disso e de algumas digressões pelo Brasil colônia, pretendo observar a influência da imprensa entre os leitores e no processo da Independência de 1822. Neste mesmo capítulo, pretendo, ainda, destacar o processo de formação e diversificação de um público leitor no Brasil, principalmente, no Rio de Janeiro da segunda metade daquele século.

No terceiro capítulo, o leitor *Policarpo Quaresma*, personagem de Lima Barreto, será observado no curso das contradições de um Brasil da primeira fase republicana. O major Quaresma possuía uma biblioteca erudita, no entanto, a leitura daqueles livros, ao invés de proporcionar-lhe um melhor entendimento,

contribuiu para seu “triste fim”. Neste ponto, tenho a intenção de refletir também sobre as iniciativas do editor Monteiro Lobato e suas tentativas de popularização dos livros e da leitura, na década de 1920.

Em seguida, numa outra seção do mesmo capítulo, pretendo extrair de *São Bernardo* uma imagem do Brasil que, às vésperas do movimento que pôs fim à primeira fase republicana e conduziu Getúlio Vargas à presidência do país, pretendia a industrialização o desenvolvimento, o progresso e o futuro. Do romance de Graciliano Ramos me interessará, ainda, as relações de conflito numa sociedade que se tornara complexa e que, pelas mãos do autor alagoano, pôde ter a sua imagem traçada através da incompreensão de Paulo Honório diante da leitora Madalena. Na continuidade desta reflexão, passo do texto ficcional ao contexto histórico e reporto-me ao Ministério Capanema, com a finalidade de tentar compreender os embates e as ações que pretendiam forjar a modernidade brasileira e um tipo de leitor adequado a este projeto.

Devo adiantar, no entanto, que apesar de me apropriar de um saber construído pela historiografia e de fazer uso da literatura ficcional, minhas reflexões não pretendem reconstruir um tempo nem visam o exercício da crítica literária, da análise de conteúdos. Tão pouco faz parte de meus objetivos ou métodos realizar qualquer coisa que se aproxime dos estudos de recepção.

No momento, desconsiderando pressas e urgências, interessa-me, tão somente, escandir, na medida de minhas possibilidades, as iniciativas que, no Brasil, visaram à formação de um público de leitores. Interessa-me, especialmente, o perfil do leitor que tantas vezes tem sido aclamado ou reclamado por agentes públicos, escritores, editores, educadores, entre outros, profissionais da escrita, da política ou das artes. Destes, uns seriam mais afeitos à precisão dos números; outros, aos labirintos das intuições. Em todo caso, todos parecem concordar numa mesma pretensão: fazer do Brasil um país de leitores.

Sendo assim, pensar o livro e os seus leitores no âmbito dos estudos da comunicação é para mim um desafio. Num mundo repleto de inovações tecnológicas, cinema, rádio, televisão, computadores, entre outros, pensar o livro e a escrita, a leitura e os leitores, talvez fosse tarefa mais adequada à arqueologia. Penso, no entanto, que muitas das questões que hoje ocupam as preocupações dos que estudam os “meios de comunicação de massa” repetem ou dão novas cores às indagações que perseguem os homens desde, pelo menos, os primeiros escribas

mesopotâmicos. Neste sentido, minhas reflexões, ainda que modestamente, podem ser de alguma valia.

Por último, pois não pretendo me alongar em vênias, ressalvas, e confissões, devo acrescentar que, apesar de ter traçado um percurso prévio, o leitor provavelmente encontrará um texto repleto, também, de lacunas e esquecimentos, de idas e vindas, sem pressas ou urgências de chegar a um lugar determinado, a um encontro marcado.